

# O ECHO DO RIO,

## Jornal Politico e Litterario.

2.950  
52

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.



Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 40000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

### O ECHO DO RIO.

Uma cousa ha certamente digna de admiração em nossos parlamentos: assim como ha individuos, que fazem opposição a todos os ministerios, tudo julgando máo quando não parte de gabinete, em que tenham parte, assim tambem ha outros que fazem opposição a todas as medidas logo que por alguém as vêem apoiadas; parecem genios de contradicção, que ali são postos de proposito para fazer desaparecer a discussão. Esta maneira de proceder é certamente espantosa, por que descobre naquelles que assim praticam um desejo não de promover o bem publico, porem ou de promover o seu bem particular e individual, ou o de embaraçar tudo o que possa concorder para promover o bem estar da nação. Por que é impossivel, methaphysicamente impossivel, que nas tão multiplicadas questões, que se tratam em uma legislatura, e mesmo em uma sessão della, não haja opinioes sustentadas por outros, com as quaes se não conformem. Como porem em seus discursos e votos estão sempre do lado da contradicção, fazem vêr, que não é o espirito do bem, que os anima.

Qual será a razão disso? qual será a razão por que esses individuos não tem duvida de se apresentarem perante a nação como homens caprichosos, capazes de tudo sacrificar só para satisfazer o seu gostinho? Causa é de admirar; mas cousa é que acontece, que todos vêem, e que ninguem pôde contestar ou negar.

Confessamos, que por mais que meditemos, não podemos achar a explicação deste phenomeno. Concebemos bem, que haja ambição ou dos empregos superiores, ou mesmo dos subalternos; concebemos excellentemente, que para satisfazer esta ambição se façam sacrificios; queremos mesmo dar, que se façam sacrificios de verdades, quando assim não devera ser: porem não concebemos como haja quem o faça e o alardêe; e se não presenciáramos o facto, certo nos custára a acreditar-o. Mas somos testemunhas oculares.

A consequencia desta maneira de proceder é fa-

cil de conhecer; e se quem assim procede, cuida que prejudica o gabinete, ou a quem quer que seja aquelle, contra quem se declare em opposição, engana-se; prejudica a si mesmo. Estabeleçamos nossos raciocinios sobre o ministerio e a opposição. Aquelle, que em tudo e por tudo contradiz os ministros, que acha pessimo quanto elles fazem, sem nunca achar uma só palavra em abono delles, sem nunca achar uma medida, que valha, que ao menos a deixem passar, esses não prejudicam ao ministerio; por que o publico nunca se convencerá que homens, que merecem a confiança do monarcha, que homens, que mereceram ser chamados a tão altas funcções, sejam tão desasados e malevolos, que um só passo não dêem, que não seja com más vistas. Ajuizará pois, que algumas vezes esses homens fallarão sem razão; e por consequencia se porá em cautela, desconfiará, e muitas vezes tomará por desejo de só contradizer aquillo que talvez seja verdade de muita importancia. Terá diante dos olhos aquelle rifão; que quem uma vez mente, mente sempre, e por elle se guiará! Mas de certo prejudica ao ministerio aquelle que misturar elogios com censuras.

Em algumas pessoas é tão forte o desejo ou espirito de contradicção, que negam a um ministerio uma faculdade, que não tem de ser exercida por elle. Por exemplo: trata-se de dar ao governo a faculdade de nomear livremente os presidentes das Relações; é uma faculdade permanente, que terá de ser exercida por todos os ministerios; mas á que os taes sujeitos se oppoem, por que não tem confiança no actual gabinete. E' isto modo de argumentar? Não é descobrir o fraco inteiramente?

Mas o que pôde obrigar a tanto? é só o — *sabe, que quero entrar* — só e nada mais; é só esse desejo, elevado ao summo gráu, que pôde obrigar a tanto; é só por consequencia um miseravel egoismo. Sim, miseravel egoismo. Aquelle que se suppõe melhor e mais habil que todos os outros, é egoista miseravel, é orgulhoso tonto, sobre tudo quando vê contra si grande numero de votos. E aquelle que não se suppondo melhor, todavia quer occupar um

emprego, para o qual conhece outros mais aptos, é ainda também miseravel egoista, capaz de tudo sacrificar a seus mesquinhos interesses. Taes sentimentos são pois odiosos, são criminosos; e, altamente o diremos, é digno do desprezo publico aquelle, que assim procede: é digno do desprezo publico aquelle que se oppõe a todos os ministerios de que não faz parte: é digno do desprezo publico aquelle que se oppõe a todas as medidas e lembranças, que ou partem do gabinete, ou são por elle apoiadas: é digno do desprezo publico aquelle que se suppõe ou que quer ser tido por melhor que todos os outros: é digno do desprezo publico esse atrevido ignorante, que ignora que por muito que saiba, nada absolutamente sabe em comparação do que lhe falta saber, e que por consequencia bem pôde acontecer, que qualquer outro saiba mais do que elle.

Taes individuos os recommendamos a nossos concidadãos: façam-lhes a justiça, que merecem. O homem, que tem verdadeiro merecimento ouve e vê; pergunta; combina; raciocina: e ainda depois torna a vê e examinar, a combinar e a raciocinar: e ainda assim sempre nutre duvidas.

E' só a ignorancia que tudo sabe; e tanto mais sabe quanto mais crassa é.

#### VISTAS DA OPPOSIÇÃO.

A attenção, que nossa qualidade de escriptor publico nos obriga a dar á aquelles que se envolvem nos negocios do Estado, nos tem feito chegar a uma conclusão; esse que a opposição só tem em vistas fazer admitir suas ideias nas provincias. O argumento, que para chegar a este resultado fizemos, é tão simples, como concludente. A opposição tem um unico periodico nesta côrte; mas ahi as questões são sempre tratadas com bastante atraso: nunca essa folha anda em dia com os objectos submettidos á discussão, com os objectos do momento: é sempre quando taes objectos tem sido tratados nas camaras, quando a imprensa ministerial os tem esgotado, que o unico orgão da opposição se apodera delles e os trata. Se o seu fim fosse illustrar a opiniao publica da capital, trataria de illustrar as questões antes de decididas; e o mesmo faria se tivesse em vista ser util ao paiz; mas como seus fins são outros, por isso outra é a sua marcha. E' para as provincias que a opposição escreve: pouco importa pois, que as questões se tratem mais cedo ou mais tarde alguns dias; não é para ser util, mas só para crear descontentes; sim, não é para ser util, é para crear descontentes, que a opposição escreve, e por isso melhor lhe é tratar das cousas depois de decididas, por que então pôde olhal-as pelo lado odioso, pôde lançar-lh'o a mãos cheias, e assim, se não augmentar, pelo menos azedar mais os descontentes. Este proceder não é leal; mas que tem com isso a opposição? Serve para conseguir seus fins; e a opposição e seus chefes já nos mos-

taram por mais de uma vez, que não recuam ante os meios. Advirtam que quando fallamos de opposição, geralmente entendemos aquella que tem seus chefes no senado, aquella que quer fazer reviver os felizes tempos de julho de 1840 e março de 1841; por ora não reconhecemos outra propriamente fallando; por que alguns individuos ha que votam contra o ministerio, e que com effeito não reconhecem aquelles chefes; mas esses ainda se conservam violados; ainda não formam partido.

Mas observando o facto, devemos procurar-lhe a razão: a opposição não procura influir na côrte, mas procura influir nas provincias; e por que! Por que tem perdido as esperanças de desvaír a opiniao publica no Rio de Janeiro; experiencias diarias lh'o tem feito vêr; a facilidade e velocidade, com que aqui correm as noticias, fazem que a verdade appareça de pressa; mas não assim nas provincias, onde é mais difficil senão impossivel esclarecer qualquer calumnia ou falsidade. Para que pois gastar cera com ruins defuntos? Nada: nós os fluminenses somos incredulos; não nos fiamos em palavras sesquipedaes; exigimos obras. E por isso bem faz a opposição em se não occupar com nosco. O que fizemos nós em 1840? Deixámos passar a candidatura do Sr. Aureliano; e o ministerio com todo o seu poder apenas pôde fazer eleger os Srs. Sousa Franco, padre Luiz dos Santos Lobo, e Diocleciano; e ainda assim o Sr. Santos Lobo e Diocleciano levaram muitos votos nossos; os mais candidatos, os candidatos verdadeiramente ministeriaes... coitados! Com tão definitiva prova a opposição está desenganada, e por isso appella para as provincias.

E note-se que fallamos do combate legal; por que do combate no campo da batalha, esse tambem sabe a opposição ha muito que o não pôde tentar no Rio de Janeiro; apella para Minas e S. Paulo, Ceará e Rio Grande. Para essas provincias pôde servir a imprensa opposicionista tal e qual se acha organizada.

Pois poderia a opposição fazer ouvir a alguém na provincia do Rio de Janeiro, que o ministerio conservava preso ao imperador, sem que logo se lhe desse uma gargalhada na cara, e se receitassem causticos e sangrias para aquelle, que tal dissesse? Mas disse-o, e fel-o acreditar a alguns pobres ignorantes em Minas. Este facto caracteriza a opposição, e os meios de que se serve, e os fins, que pretende obter.

#### PEDIDO AO NACIONAL.

Como seja o *Nacional* o unico orgão da opposição, temos que pedir-lhe, que nos esclareça francamente sobre o que pensa a respeito do Sr. Feijó: vemos tão encapotado o nosso collega, vemol-o torcer-se tanto, achamos o seu pensamento tão embaralhado, que ainda não podemos saber o que quer. Diga pois francamente:

Os acontecimentos de Surocaba são ou não criminosos?

O Sr. Feijó teve ou não parte nesses acontecimentos?

O Sr. Feijó é ou não criminoso?

Entremos francamente nestas questões: estabeleçamos ponto para a discussão. Para que pisarmos e repisarmos em vinda de processos e não vinda de processos: deixemos à aquelles que tem de dar sentença no processo, que julguem precisas mais ou menos folhas de papel escriptas: nas cujas decisões apenas servem para estabelecer e guiar a opinião publica, que não temos de applicar pena, discutamos mais largamente, mas tambem com mais franqueza: e para isso estabeleçamos o campo para a discussão. Por nossa parte francamente dizemos: os acontecimentos de Sorocaba foram criminosos: o Sr. Feijó tomou parte activa nesses acontecimentos; e não tendo em seu favor nenhuma circumstancia, que o justifique, nem mesmo politicamente fallando, o Sr. Feijó é réu de pena; deve ser castigado.

O que diz o *Nacional*? sim ou não? Concorde, ou pensa o contrario do que pensamos? Diga o que entende: e se entender que não temos razão, estamos promptos para entrar em discussão. Quer sustentá-la com nosco? Tambem accitamos, se quizer essa resposta, diga que não merecemos, que se abaixe a responder-nos, e menos a entrar com nosco em liça. Somos facil de contentar; tudo nos serve.

Poderíamos a modo de mantenedor de campo pedir condições para o vencido; mas não o faremos: depois da discussão deixamos livre o nosso adversario. Mas não quer assim, quer condições? imponha-as: accitamol-as todas, e desde já quaesquer que sejam: entregamos-nos á discrição do nosso adversario. Que mais quer? não é leal este combate?

Suppondo que o collega deseja que o seu trabalho seja util, cuidamos que não se negará a alguma resposta. Aguardamol-a. Se o seu pensamento fôr differente do nosso, pedimos desde já venia para o combater; sem rancor o faremos, mas com energia.

#### A FORTALEZA DA LAGE.

O *Nacional* agoniza-se com o raciocinio que fazemos sobre a sua argumentação a respeito da Lage: não se agonia, collega; reconheça francamente que o seu modo de raciocinar não é concludente; tenha paciencia: muitas vezes nos acontecerá o mesmo.

Convida-nos a que lhe digamos, que melhoramentos tem havido em taes prisões, e que a vamos examinar: responder-lhe-hemos que vá elle examinar, para saber que a cousa não é como diz. Na fortaleza da Lage não ha palacios; cada preso não tem uma sumptuosa morada; e bem sabemos, que as ideias de alguns philantropos do tempo querem os presos mais bem servidos de casa, que os soltos. Nós cá pensamos de outro modo: queriamos que primeiro se cuidasse dos soltos; infelizmente pouco se tem podido cuidar de uns e outros, mas tem se

dado mais atenção aos presos, que aos soltos, quando alguma se tem podido dispensar. Não está ahí a casa de correcção, onde se tem gasto e ha de gastar um capital enorme?

São presos por opiniões politicas! São presos com as armas na mão, que roubaram e mataram. E' forte mania! quem quizer excitar compaixão diga que é preso por opinião politica! E os roubos e as violencias, e as mortes, tudo isso é politico? Politica de matar e roubar, fóra com ella. Quem tem ideias politicas, e as quer fazer prevalecer, faça como nós: apresente-se ao publico; diga o que quer; se tiver razão, será ouvido, e brevemente triumphará! Porem matar para convencer! é a lei de Mahomet; é querer de christãos fazer-nos musulmanos. Nada, Jesus Christo mandava pregar, e na casa onde não queriam receber os seus apóstolos, mandava que se retirassem. A intelligencia não se convence com a força physica: raciocinem; e se forem perseguidos, gritem em nome das opiniões politicas; mas se passam a vias materiaes e de facto, por vias materiaes e de facto serão combatidos. Tenham paciencia; accitem as consequencias da posição, em que se collocam. Quando formos ao campo consentimos em ser tratados do mesmo modo, ainda peor; queremos que em tres dias nos façam dizer de facto e de direito, e logo nos julguem. Em quanto estivermos dentro da lei, queremos que a lei nos seja guardada. Igualdade para todos.

#### FESTEJOS.

Tivemos alguma ideia de dar conta aos nossos leitores dos festeios desta capital pela chegada de S. M. a Imperatriz do Brasil; porem achamos, que o curto espaço de nossa folha o não consente. Geralmente podemos dizer que o bom povo fluminense deu aquellas mostras, que dá um povo bem formado quando sente extraordinario prazer. Na occasião da passagem de SS. MM. não só estavam as janelas das ruas, por onde se effeituou apinhadas de gente, como pelas mesmas ruas havia innumeravel concurso de homens e senhoras vestidos, e uns e outras com roupas proprias de festa, apezar da chuva, que infelizmente houve. As portas e janelas das ruas por onde foi a passagem do logar do desembarque até á capella imperial, estavam cobertas de ricas e vistosas cortinas e colchas de varias sedas. Havia brilhantes arcos em differentes logares, e o da rua Direita canto do Ouvidor foi o mais grandioso e rico, que nesse genero tem apparecido na capital do imperio. Lindas e ricas illuminações tiveram logar em varios pontos da cidade, alem da illuminação geral em toda ella. Parecia que este bom povo já advinhava, que o céo lhe mandava uma princeza, cujas qualidades todas tanto promettem fazer a ventura do nosso amado imperador, e quanto nella estiver, de todos os Brasileiros. As pessoas, que a acompanharam em sua viagem, e as que nesta córte tem tido a fortuna de a vêr de perto,

assim nol-o affiançam, excedendo cada um em elogios o que outros antes nos tem dito. Nosso imperador e o Brasil a merecem: elle que em tão perigosa idade ainda um só acto não praticou, que pudesse achar reprehensão no mais rigido censor: sim, um só acto ainda não praticou, que pudesse achar reprehensão no mais rigido censor: o Brasil, que apesar das desgraçadas circumstancias do tempo, e apesar das promessas de tantos visionarios e especuladores tem conservado illeso o seu amor a monarchia. Deos é justo; o amor dos Brasileiros pelo seu imperador merecia recompensa; e Deos lhe deu, outorgando-lhe uma virtuosa imperatriz.

Fallavamos de festejos, e eis-nos bem longe da materia: do que abunda no coração falla a bocca. Não fallemos mais em festejos, sem, talvez o meio de não sahirmos outra vez da ordem.

#### NOTICIAS.

O tempo tem ido avaro de novidades; parece que o céo assim o quiz para que nos não distrahissemos das demonstrações do regosijo, que deviamos a nossa augusta imperatriz. O senado occupa-se com a lei do orçamento, e a opposição a tem deixado passar quasi sem reflexões, assim como aconteceu com todas as outras leis annuas, lei de verdadeira confiança. A camara dos deputados tem-se occupado com os terrenos diamantinos, do que quer tirar renda para o estado: Deos a ouça, mas nutrimos nossas duvidas. O mais vai tudo a mil maravilhas.

Do estrangeiro tambem nada tem vindo. Lá na Europa continuam na Escossia os *mectings* para a desunião: continuamos a pensar, que a cousa não é tão feia, como se pinta: essas reuniões de quinhentas mil pessoas as não acreditamos, por que as julgamos impossiveis.

Na Hespanha as cousas continuavam a ir mal para o regente: todavia parece que algum triumpho já suas armas haviam obtido pois se falla em passados a espada. O ministerio portuguez Cabral continuava firme, o que pôde servir de thermometro para avaliar o que vai pelo reino visinho.

A guerra entre Buenos-Ayres e Monte Vidéo continua. Rosas queixa-se da opposição que mostra em os monarchistas. Já haverá desta gente lá por Buenos-Ayres?

#### VARIÉDADE.

Lemos no *Jornal do Commercio*, que no dia 30 do passado falleceram na freguezia do Engenho Velho, com um e meio anno de idade, dous irmãos gêmeos, ambos de vermes. No mesmo dia nasceram, no mesmo morreram, a mesma molestia os levou á sepultura. Valia bem a pena de ter feito minuciosos exames a vêr se alguma circumstancia extraordinaria de sua organisação tinha concorrido para os dous ultimos phenomenos.

#### ACHADO FELIZ.

O Sr. Paula e Sousa achou um excellente methodo de discutir o orçamento; é fazendo comparações: em tal anno gastou-se tanto, neste anno pede-se tanto; logo não ha economia, ha desperdicio. Mas achou logo o Sr. Honorio, que o não deixa levar a vida que quer. Na repartição da justiça fez o senador por S. Paulo amargosas queixas, pelo excesso de despeza que nota este anno, comparando com o de 1830. Levanta-se o Sr. Honorio, e diz: em 1830 as comarcas do Brasil eram menos da metade das que hoje são: em 1830 não havia guarda nacional, cuja despeza corre por conta da repartição da justiça; em 1830 não havia um juiz municipal com ordenado para cada termo: não havia promotores publicos com vencimentos, e outras muitas autoridades: logo o argumento não procede.

Mas cumpre confessal-o, o Sr. Paula e Sousa tem uma propriedade boa: cala-se logo: se outro fosse, continuaria a fallar pelos cotovelos. Ponham no seu lugar o Sr. Lopes Gama, e verão que caminho tomam as cousas.

#### AGUA DE COLONIA.

Costumamos hoje chamar agua de colonia a aquillo que para tudo serve. Tem a opposição uma ancorasinha, que bem merece o nome de agua de colonia; em se querendo dar ao governo alguma attribuição, diz logo: pôde abusar; e com estas duas palavras sacramentaes suppõe ter levantado um castello inexpugnavel. E só o governo é que pôde abusar? Essas outras autoridades a quem querem confiar qualquer jurisdicção, não poderão abusar? Não, certamente não: neste nosso abençoado paiz todos são impeccaveis, menos o governo... para a opposição se entende.

#### OS DEFENSORES DA MONARCHIA.

Sabem quem são no Brasil os defensores da monarchia? São os que em S. Paulo e Minas pegaram em armas para suspender a execução das leis, e obrigar S. M. a nomear outro ministerio. E obrigar o monarcha a demittir um ministerio, e nomear outro, não é atacar a monarchia? Distingui: sendo chefes dessa obra um Tobias e um Ottoni, não: esses têm mãos bentas: só corrompem o que com ellas tocam. Já se vê quão seguro estará o throno, sendo elles seus defensores.

#### HISTORIA.

O Sr. senador José Bento ameaçou os seus adversarios com uma historia, em que figurem todos os nomes, e que elle havia de fazer: será a inedita, de que fez extractos o *Nacional*? Com quanto o estylo não parece do nobre senador, pois de certo nunca elle assim fallou ou escreveu, o methodo lá tem suas similhanças: consiste em dizer muitas palavras sem significação. Fallar ou escrever tanto, para dizer tão pouco, é melhor estar calado.